



VISÃO DO CORREIO

Vacina, sim. E para todos

O envio de vacinas para imunização de adolescentes, de 12 a 17 anos, deve começar no próximo dia 15 (de setembro) em todo o Brasil. Essa é a orientação do Ministério da Saúde. “(O Ministério da Saúde) não recomenda, neste momento, a vacinação dos adolescentes que não apresentem algum fator de risco.” Apenas 14 dias separam as duas afirmações publicadas no site oficial da pasta que define diretrizes para a proteção contra a covid-19 entre os brasileiros.

Foi tempo suficiente para que o ministro Marcelo Queiroga mudasse de opinião em relação à recomendação de imunizar adolescentes — com ou sem fator de risco para a infecção pelo novo coronavírus. Mas os argumentos apresentados pelo ministério para isso soaram, no mínimo, frágeis.

Inicialmente, a pasta argumentou que “entre os adolescentes de 15 a 19 anos que morreram por covid-19, 70% tinham pelo menos um fator de risco”. Dado usado para sustentar a tese de que evidências científicas “consideram o baixo risco de óbitos ou casos mais graves” nesse público, sendo recomendável, portanto, vacinar apenas jovens com alguma vulnerabilidade. A julgar pelos dados do próprio ministério, 30% dos mortos na faixa etária mencionada não enfrentavam condição de risco. Não parece pouco.

A mesma pasta alertava para a necessidade de aguardar a conclusão da investigação de um evento adverso grave pós-vacinação, com morte de uma adolescente de 16 anos em São Paulo. Nenhuma vida perdida pode ser minimizada, mas é preciso considerar que o caso ocorreu em um universo de mais de 2 milhões de menores de 18 anos vacinados com 1ª dose — isso ainda no início deste mês.

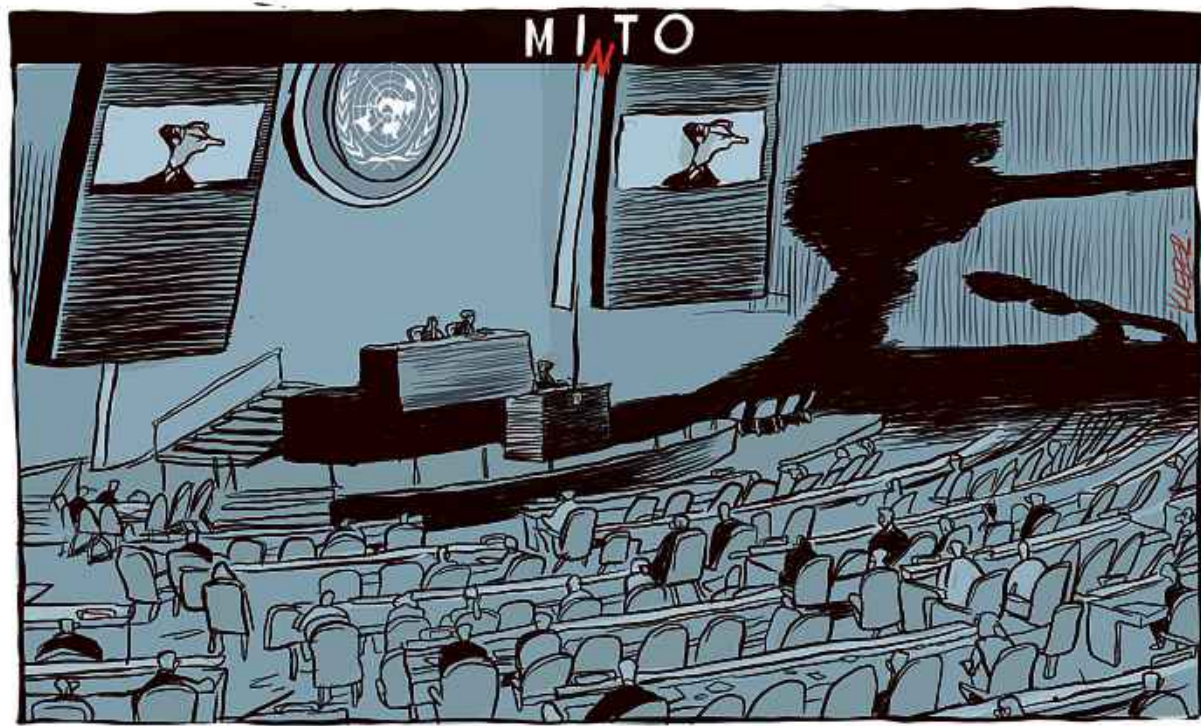
O episódio apontado como sinal de alerta, portanto, representa algo como 0,00005% no total de imunizados com dose inicial.

Além do caso fatal — sobre o qual a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) e autoridades de São Paulo, aliás, já indicaram não ser a vacina a causa —, o ministério foi notificado de 1.545 efeitos adversos pós-vacinação em adolescentes. Algo como 0,07725% entre 2 milhões.

Por outro lado, em 2020, morreram 1.207 brasileiros abaixo de 18 anos vítimas do coronavírus, segundo o Sistema de Informação sobre Mortalidade Infantil. “A medida que mais adultos recebem suas vacinas (...), as crianças — que ainda não são elegíveis para vacinação na maioria dos países — apresentam uma porcentagem maior de hospitalizações e até mortes por covid-19”, alerta a diretora da Organização Pan-Americana da Saúde, Carissa F. Etienne.

A conjuntura ajuda a explicar a rejeição à nova diretriz do ministério, que reuniu cerca de 20 estados e igual proporção de capitais, mais o Distrito Federal, na decisão de ignorar a recomendação e manter a vacinação para todo o público entre 12 e 17 anos. A autonomia para isso foi referendada ontem, por decisão do Supremo Tribunal Federal.

Integrantes de movimentos de pais que pressionam pela proteção de seus filhos esperam que a postura de governos locais que se posicionam a favor da imunização de crianças e adolescentes vá além do discurso, uma vez que o ministério já sinalizou que pretende limitar o envio de vacinas a esse público. É preciso pressionar por revisão da diretriz, dentro de critérios científicos. Missão que passa por prefeitos, governadores, secretários e parlamentares, além da própria sociedade civil. Enquanto isso não ocorre, a saída parece depender de reorganização das logísticas locais, a fim de garantir que as vacinas cheguem aos jovens, que esperaram, ansiosamente, por esse momento. Inclusive para que possam preservar sua saúde, física e mental, e recuperar parte da sua necessária liberdade.



>> Sr. Redator

Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato. E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Mentiras

O discurso do presidente Jair Bolsonaro na Organização das Nações Unidas (ONU) foi mentiroso. Ele falou como se estivesse em campanha eleitoral, não como estadista. Falou que o Brasil estava à beira do socialismo, como se fosse algo feio. Sabe-se que países adiantados como Alemanha, França, Espanha e Suécia apresentam-se como regime social-democrata, onde impera a democracia, como o nome está dizendo. Em seu discurso, preponderou o negacionismo em detrimento do positivismo. Entre outras coisas, teve abordagens falsas, como é caso da pandemia e suas nuances. Foi infeliz ao citar o tratamento precoce, para não dizer, mentiroso. Um presidente com essa postura não pode presidir um país tão importante como o Brasil. Aliás, nenhum país. Quem já teve JK e FHC se depara com um pseudopresidente. » **Eneidino Corrêa da Silva**, Asa Sul

Paulo Freire

Paulo Freire foi um grande educador brasileiro, que até hoje causa inveja a certas pessoas, mais precisamente aqui no Brasil. Queria entender o porquê dessa gente não aceitar pobre fazer faculdade, ser alfabetizado e ter perspectiva de um futuro melhor. Até ministro fala que faculdade não tem que ser para todos, que criança com algum problema, tanto mental quanto de visão etc. não pode ser educada junto aos demais alunos, pois atrapalha o aprendizado. Creio que essa gente que não gosta do educador Paulo Freire tenha sido alfabetizada pelos seus métodos e, hoje, vê o mundo como ele é e sem mentiras. E, agora, adultos querem fazer um apartheid educacional por aqui. Quem em sã consciência não gosta de estudar, de ler? Quem não gosta de escrever para emitir sua opinião sobre vários assuntos do dia a dia? Vamos valorizar os feitos do grande educador Paulo Freire para o Brasil e o mundo e deixar de birra, pois educação não tem partido nem bandeira. » **Walber Martins**, Brasília

» Discordo de toda a “análise”, feita por um leitor, sobre Paulo Freire, exceto, por óbvio, o último parágrafo. Ele, o leitor, é um perfeito exemplo de quem não compreende o que lê e pensa que sabe escrever. Vocábulos repetidos, adjetivos desnecessários, períodos longos, frases vazias, argumentação primária etc. Ele é um ótimo exemplo de quem “segue sem saber escrever, para, inclusive, emitir uma simples opinião”. Que falta fez — e faz — Paulo Freire na sua (dele) biblioteca. » **Ludovico Ribondi**, Noroeste

O dedo

Quem gira... Um homem de boa linhagem,

Desabafo

>> Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Não querem bananinha? Que comam brioche!

Marcos Paulino — Águas Claras

Drone com inteligência artificial israelense usado para assassinar cientista iraniano. Realidade jogando poeira na ficção.

José Matias-Pereira — Lago Sul

Enquanto aqui, a Polícia Federal deflagra a operação Pés de Barro, lá fora, na ONU, o presidente dá motivo para todos tirarem sarro!

Marcelo Pompom — Taguatinga

De olho no céu... A chuva deve, finalmente, chegar ao Distrito Federal neste fim de semana.

José Ribamar Pinheiro Filho — Asa Norte

bem-criado, fino no trato e supereducado, médico de projeção e sabedor sobre educação, assim pinço alguns predicados do ministro da Saúde, doutor Marcelo Queiroga, “estirando o dedo”, como nós, nordestinos, dizemos neste caso, e educadamente mostrando o dedo do meio para uma multidão em Nova York. Dizia meu querido e saudoso pai na altura dos seus 94 anos: “Diga-me com quem andas, e eu te direi quem és”. O senhor ministro estava acompanhado do mito, que sempre demonstrou aversão pelas pessoas de bem. A educação de berço que deveria ter, o mito não teve. Um pouco de educação não demonstra no curralzinho à saída do Palácio da Alvorada recebendo pessoas devidamente instruídas para as perguntas. Feio o que fez a comitiva do mito para a reunião da ONU. Envergonhou todos nós e o mundo. » **Hortêncio Pereira de Brito Sobrinho**, Goiânia (GO)

Fanatismo

A palavra “fanático” nem sempre foi um insulto ou uma acusação. Até onde sabemos, pode ter começado como uma espécie de elogio. O termo latino “fanaticus” vem de “fanus”, um altar ou um santuário. Designava o benfeitor de um templo, ou um indivíduo diretamente inspirado pelos deuses, um mecenas das artes sacras ou um artista vulgarmente talentoso poderiam ser, à sua maneira, fanáticos. Cícero, no século primeiro a.C, talvez tenha sido o primeiro a usar a palavra de forma pejorativa, numa de suas orações, o termo vira sinônimo de supersticioso. Centenas de anos depois, Voltaire chegou a uma definição mais próxima daquela que usamos hoje. “O fanatismo é uma doença da mente, que se transmite da mesma forma que a varíola”, escreve no *Dicionário Filosófico*, de 1764. “Não transmite tanto por livros quanto por discursos e reuniões. O romance *A Benevolentes*, do franco-americano Jonathan Littell (publicado no Brasil pela Alfabeta, em 2006), é um dos estudos mais nítidos e assustadores da devastação causada pelo fanatismo sobre o intelecto. O Holocausto e a invasão nazista da União Soviética são narrados pela perspectiva de Maximilien Aue, jovem franco-alemão, bom leitor, que sonhava ser pianista, mas acaba se transformando em oficial da SS. Com hedionda nitidez, esse narrador suspeito, mas avassalador, descreve a metamorfose gradual de um cidadão esclarecido em um carrasco, em cujo relato o fanatismo não parece uma escolha, e sim um destino histórico que arrasta corpos e almas em turbilhões aparentemente opostos, mas de naturezas igualmente patológicas. Na narrativa de Aue, o fanatismo é uma fatalidade: sob determinadas circunstâncias, qualquer ser humano poderia convencer-se da irrelevância do indivíduo e sacrificar-se a uma ou outra modalidade de pensamento absoluto. Que haja um antídoto à praga, às interpelações fanáticas. » **Renato Mendes Prestes**, Águas Claras



RODRIGO CRAVEIRO

rodrigocraveiro.df@dabr.com.br

A morte da democracia

Talvez a melhor definição fosse a de ser sepultado vivo. De repente, todos os seus sonhos e a sua liberdade são tolhidos pelo fanatismo religioso, pela imposição de uma lei baseada na interpretação distorcida do Corão, na misoginia oficializada por um regime em nada preocupado com os direitos humanos. Jornalistas perseguidos, presos e torturados. As faculdades de cinema e de música da Universidade de Cabul fechadas. Em outros cursos, mulheres se veem segregadas e obrigadas a assistirem às aulas em ambientes separados dos homens. O novo governo anunciado no país não tem em seus quadros nem sequer uma mulher. É como se uma burca fosse colocada sobre a participação política das afegãs, agora obrigadas a se esconderem no ostracismo e no silêncio.

Imagine viver em um país onde a sensação de liberdade lhe é arrancada da noite para o dia. Todos os avanços conseguidos ao longo de duas décadas, às custas de dor e de luto, se transformam em pó. Em 20 anos, mais de 36,6 milhões de pessoas retornam ao jugo da religião transformada em política. Depois de experimentarem um vislumbre de democracia, mergulham novamente na sombra de uma ditadura islâmica. Até mesmo instrumentos musicais foram proibidos pelo Talibã desde que ascendeu ao po-

der, em 15 de agosto. “Eu me sinto como se não vivesse mais. Estou viva, mas o Talibã roubou minha alma”, declarou o afegão Bahar, 18 anos, devastado por não mais poder tocar violino alto.

Ninguém sabe como será possível libertar o Afeganistão do jugo de uma milícia fundamentalista islâmica. Em 2001, o Talibã somente caiu porque os Estados Unidos bombardearam o país, a fim de desmantelar a rede de apoio da rede terrorista Al-Qaeda. Sem presença militar estrangeira, os talibãs estão livres para impor sua tirania sobre a população talvez por vários anos ou décadas. Qual a garantia de que a Rede Haqqani, o Estado Islâmico-Khorasan e a Al-Qaeda não voltarão a operar livremente em território afegão? Se o califado islâmico do Daesh foi varrido do Iraque e da Síria, um novo Estado terrorista pode ser implantado no Afeganistão. Isso representaria uma faca no pescoço de qualquer democracia ocidental. E um risco real a nações vizinhas, como o Uzbequistão, o Tadjiquistão e o Turcomenistão. Talvez seja tarde demais para impedir o desastre. A força das armas de nada resolveu, a diplomacia se silencia ante radicais islâmicos que creem estar numa missão designada pelo profeta Maomé e por Alá.

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houera, lá chegara”
Candôes, e VII e 14

ÁLVARO TEIXEIRA DA COSTA
Diretor Presidente

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

Paulo Cesar Marques
Diretor de Comercialização e Marketing

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Diretor Financeiro

Plácido Fernandes Vieira e Vicente Nunes
Editores executivos

CORPORATIVO
Josemar Gimenez
Vice-presidente de Negócios Corporativos

S.A. CORREIO BRAZILIENSE — Administração, Redação e Oficinas Edifício Edilson Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1102. Redação: (61) 3214.1100. Fax: (61) 3214.1155 - Comercial: (61) 3214.1526, 3214-1211; Fax: (61) 3214.1205 - Sucursal São Paulo: ENL. Alameda Joaquim Eugênio de Lima, nº 732, 7º andar - Jardim Paulista - CEP: 01403-000 - São Paulo/ SP. Tel: (11) 3372-0022. E-mail: associados@uigig.com.br. Sucursal Rio de Janeiro: End. Rua Fonseca Teles, nº 114 a 120, Bloco 2, 1º andar - São Cristóvão - CEP: 20940-200 - Rio de Janeiro/ RJ. Tel: (21) 2263-1945; E-mail: sucursal@uigig.com.br. REPRESENTANTES EXCLUSIVOS: Minas Gerais e Espírito Santo - Mídia Brasil, Rua Tenente Brito Melo, 1223, sala 602 - Barro Preto - CEP: 30.180-070 - Belo Horizonte/MG; Tel.: (31) 3048-2310; E-mail: comercial@midiaabrasil.com.br. Região Sul - HRM Representações Publicitárias, Rua Saldanha Marinho, 33 sala 608 - Merino Deus - CEP: 50.160-240 - Porto Alegre/RS; Tel.: (51) 3231-6287; E-mail: hrm@multimidia.com.br. Regiões Nordeste e Centro Oeste - Goiânia: São Representações - Rua Leonardo da Vinci, Quadra 24, Lote 1, C.2, Jardim Planalto - CEP: 74333-140, Goiânia-GO - Telefones: 62 3085-4770 e 62 98142-6119. Brasília: Sá Publicidade e Representações, SCS Qda 02 Bl. D - 15º andar - Ed. Oscar Niemeyer - salas 1502/3 - CEP: 70.316-900 - Brasília/DF; (61) 3201-0071/0072; E-mail: Thiago@sapublicidade.com.br. Região Norte - Meio & Mídia, SRTVS Qda 701, Bl. K - Ed Embassy Tower, salas 701/2 - CEP: 73.340-000 - Brasília/DF; Tel.: (61) 3964-0963; E-mail: atendimento@meioemidia.com.br.

Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela Reuters, AFP, Agência Notícias Intercontinental, Agência Estado, Agência O Globo, Agência A Tante, Agência Folha, Agência O Dia e A.P. Press, tel.: (61) 3214-1131.

COMO ENTRAR EM CONTATO COM O CORREIO
Assinante/leitor/classificados: 3342-1000

VENDA AVULSA

Localidade	SEG/SÁB	DOM
DF/GO	R\$ 3,00	R\$ 5,00

ASSINATURAS*

REG a DOM
R\$ 789,88
360 EDIÇÕES (promocional)

* Preços válidos para todos os estados.

Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em dinheiro terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

DA Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias: DIÁRIOS ASSOCIADOS

SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF de segunda a sexta, das 13h às 18h.
Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 18h/sábados, das 14h às 21h
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582/1568/0800-647-7377. Fax: (61) 3214.1595.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br

Agenciamento de Publicidade